

ESTADO DE SANTA CATARINA
Biblioteca Pública
FLORIANOPOLIS

Em 13/3/1925

ASSIGNATURAS
Cópia—mez-500
Anualso 600

OASIS

SEMESTRE
Interior 3.500
Estados 4.000

Revista mensal sob a direcção de José de Diniz



ANNO I—Florianopolis—Novembro—1918—NUMERO 5
SANTA CATARINA BRASIL



Mors... Pax...

(Nota, Foi escripta esta pagina, em 1915, para o *Estado*, que a publicou em o dia de finados. Para republica-la agora, sujeitou-a o Autor a uma ligeira modificação, apenas material, porque só a *forma* se refere. No *fundo* ha laivos de certo pantheismo pessimista, que, si a tempos constituiu mais ou menos o pensamento philosophico do Autor, hoje, nem sequer a attenção lhe prende, podendo elle agora repetir com Gabriel Delanne: « *Acreditamos firmemente que a immortalidade se acha diante de nós, e a immensidade dessa palavra nos ajuda a comprehender que o tempo passado não é mais que uma quantidade infinitesimal em relação ao nosso futuro insondavel. A terra é o ninho que havemos de abandonar quando tivermos feito aquisição de asas, ou, para falar sem metaphora, quando nos tivermos sufficientemente libertado desses sudarios terrestres que são os nossos instinctos, vicios e más paixões* »)

No ar triste bailam toques funebres de sinos.

Por quem choram os bronzes nas torres das igrejas? Pelos mortos.

Choram pelo que morreu, contente de si e do mundo, rodeado dos seus, com a consciencia pura como a luz—consciencia por onde perpassaram os pensamentos bons como leves remigios de aves; choram pelos que se finaram em arquejos estrangulados, o nariz afilado, a bocca hiante, os olhos escancellados e immoveis na aterradora perspectiva da Eternidade; choram pelo que se extinguiu aos vinte annos, com a alma apendoada de sonhos; choram pela noiva morta em plena boda e que, ainda de véu mystico e corôa de flores, desceu rigida ao seio ironico da terra; choram pelo que, um dia, cansado das amarguras da vida e das mentiras humanas, varou o cranio com uma bala; choram pelo guilhotinado ou pelo naufrago, que, de ventre impado e orbitas sem olhos, ficou apodrecendo entre duas pedras, numa praia solitaria, amortalhado na alva tunica das espumas...

Felizes dos mortos! Ainda têm quem os lamente! Ainda têm a voz lamentosa dos sinos! Felizes, sobretudo, porque descansam!

A luta asperrima da vida, tao, suadamente trabalhada, exhaure-nos as energias. Que Vontade é essa que imaginou o Homem miseravel, o compelliu ao mundo e lhe apontou a via dolorosa da Vida, dizendo: vai?

E o Homem caminha. O seu passo é incerto e o seu destino ignorado. Todo dia o sol se levanta, com a mesma pompa e gloria duma grande ressurreição, faz o seu giro de rei e descamba no occaso, ensanguentando o céu, a paisagem, enchendo de saudade o dolorido coração humano. E o Homem, pela janela da officina, ou no convés dos navios, ou no campo, curvado sôbre o arado, ou no gabinete de estudo, ou no leito de soffrimento, ou pelo espiraculo da enxovia,—ergue os olhos pisados para o sol e geme:

—Quem pudera, como tu, morrer entre crepusculos amarantinos e renascer entre auroras de prata, com os passaros a musicalizar as frondes orvalhadas!

Mas o esforço redobra, o trabalho insano depaupera e o Homem pensa:

—Afinal, para que renascer, si teria de reproduzir esta peleja, talvez com mais agrura, com mais angustia talvez? A ressurreição, assim, não seria um castigo? Quem sabe! Melhor é que recolhamos ao seio frio e implacavel da Morte, onde o egoismo, a inveja, o odio, o esforço, a ambição, a dor, a alegria, a calunia e o amor se acabam... Melhor é que nos entreguemos sem pena ao tumulto repellente, onde a Chimica nos espera para nos fazer subir pelas raizes, pelos troncos e ressurgir em flores e fructos...

Eis ahi o que se temia: a ressurreição. Transforma-nos, mas dá-nos outra vida. As flores tambem se amam, tambem se amam os fructos. Quando de um mesmo ramo uma rosa é colhida, a outra se desfolha; um fruto cai quando o outro é apanhado... Porque?

E o Homem, que pensava ter na tumba a paz, vê que a agita-

ção da Vida se transmite á Morte; o que elle suspeitava ser descansa, não é sinão uma disfarçada modalidade do Movimento eterno. Será fogo para aquecer os regelados, agua para lenir os sedentos, seiva para vitalizar roseiras, luz para aclarar as miserias da terra, verme para mergulhar nas podridões, sangue para acicatar a luxuria, lagrima para abrandar coleras, supplicar perdões, prolongar falsidades...

Os toques funebres dos sinos sonorizam o ar melancolicamente.

Affirmarão elles que os mortos descansam?

Impossivel!

O Homem sente que, mesmo para além da Morte, nunca lhe será dado alcançar a ventura inaudita, a volupia sem par do Repouso Absoluto.

Altino Flores

“Post-scriptum” que escapou á minha primeira chronica...

Aos meus novos leitores do Rio:

Calculem os meus novos leitores que nasci, ha vinte e dois annos, e me encontro, até hoje, numa cidade de provincia. A provincia, V V. o sabem, (no muito embora d'ella promanassem os passados e coevos *representativos* das letras e de todo o saber) é a expressão mais cultivada do atraso mental. O brilho, a fascinação, a curiosidade artisticas, ou, antes, a esthesia de arte, se por ella passa, é cousa que toma exclusivamente a sentimentalidade de uns poucos de cavalheiros, desestimados, misanthropicos ou ridiculos. A guedelha de 1830 encontrou succedaneo vivaz no exclusivismo e neurasthenia dos letrados e poetas. E, para cumulo da pasmeceira, não temos aqui nem o elogio-mutuo, nem a leitura fresca do *Times* e de outras deliciosas folhas, que o correio, nervosamente, profusamente, espalha por V V., cada semana, quando se abrem as malas de Paris, de Londres, Roma ou Nova-York. (Outra sensação que aqui não

temos é a do *interview*, com retrato *chez* Bevilacqua,—um enlevo que V V. desfructam parcamente).

A' parte um ou outro jornal paulista ou carioca (pura e tocante benevolencia de V V. por que muito nos obrigamos), o que nos chega é nada. D'ahi estar a gente sujeito á encomenda de livros— especie de leitura que é uma maçada e um desperdicio, inquestionavelmente incompatíveis com a Gloria. O Calmann Levy, e Plon, o Laffite, o Nelson e o Charpentier, os varios Levys, Plons, Charpentiers, Nelsons e Laffites, de Portugal e da Europa, e os Fratelli Treves (que nos mandam D' Annunzio) empacham-nos o cerebro e as montras do Simone, com seus abundosos *vien de paraitre*.

A nossa vida fica assim amesquinhada nessa loucura de ler, de ler sempre, de ler insaciavelmente. Não supponham, por isso mesmo, que devamos escrever muito. Ao contrario. Rabiscamos, parcamente, lamentavelmente, umas certas semsaborias, que estão longe de possuir ainda o merito vulgar de parecerem-se com as paginas que leiamos (claro é que não alludo á benemerencia dos que se embandem em quadrilhas de cleptomano literarios...)

... E agarrou-se-nos, *immorivelmente*, como diria o joven dr. Figueira, o habito de ler livros. Prosa? Verso? Em grego antigo? Em latim? Goethe, Aristophanes, Shakespeare, Sophocles, Taine ou Petrarcha, no original? Tagore ou Bilac? Virgilio ou Vivente? Meredith ou Flaubert? Eça ou Aluizio? Anatole? Machado de Assis? Wainwright ou Wilde? Baudelaire ou Cesario Verde? Tolstoi ou Nietzsche? Ibsen? Pöe ou Whitman? Fialho ou Malheiro? João do Rio? Coelho Netto? Que importa o auctor; por que a preferencia? Não ha tempo para escolhas. Esta ilha em que móro (alguns oradores chamam-lhe Bretanha; o dr. Sigaud comparou-a á Italia; Diniz Junior, o bello sonhador, o artista scintillante da prosa, que a mentalidade carioca admira e consagra, chama-lhe *ilha d'occasos hal-lucinantes e mulheres ingênuas e lindas*) possúe um clima suave, um céu lindissimo, muitas flôres,—agora, é uma orgia nos canteiros: ha rosas em todas as casas e quintaes—perfumes, luz e uma paisagem e um mar que inebriam: a gente deita numa *chaise-longue* (não usamos os deleites bysantinos, que V V. desfructam: desconhecemos os cochins e o opio) e vai

leando, vai lendo, vae lendo... E' um horror!

Murmúra-se até—e não concebemos nos dêem noticia tão chocante no desejo unico de traçar, em facécia, um perfil d'engenhosa paciencia e bôa-vontade—que alguem ha, por estas paragens, recolhido, desde annos, no extase que lhe deixaram os duzentos e cincoenta mil versos que o espirito amavelmente productivo dos Pandavas (da feliz dymnastia lunar) entoou, mavorticamente, em louvor de Vichnú, incarnado, protectormente, em Krichna, deseseis seculos antes de Jesus. E bem é de ver-se que, em pós o *Mahabharata*, aquella malleavel paciencia se dêsse, com maior vontade e mais doce encanto, á leitura intensa e enlevadora do poema de Valmíki, numa outra e mais fulgente hosanna ao proteico Vichnú, já então incarnado no rijo heroismo de formosura de Rama victorioso.

Uma vantagem, em todo caso, enxérgo, nesse intenso defeito de ler com amor demasiado: ficamos cada vez mais ao par da nossa inferioridade, e cultivamos, com outro espirito mais conciliavel, o respeito por V V. E melhor assimilamos, numa feição mais completa, por ir-se bem ao fundo das suas origens inspiradoras, a obra enorme e sentimentalmente impressionista que a literatura de cidade realisou...

(E' lendo a Madame Bovary que se percebe melhor o tom de finura e ironia do monoculo de Flaubert, no frontespicio do *Primo Basilio*.)

JOSÉ DE DINIZ

Maria Esther é o pseudónimo de uma talentosa e sympathica senhorinha conterranea. E' a primeira vez que vem á publico. A sua estréa foi magnifica, brilhante. E o que mais nos honrou e nos satisfêz, foi a sua promessa de collaborar unicamente no *Oasis*.

Esperamos que a collaboraçao de Maria Esther sirva de estimulo a outras nossas conterraneas de talento que muito honrariam as columnas da nossa revista com as suas produçoes.

Agradecendo com toda a nossa alma a subtil e brilhante collaboradora tão elevada prova de distincção, juramos ao publico que encantado nos lê, que o nosso sombrio rincão de frescura, passou, agora, pela transformação de um rincão de luz, de muita luz... tornou-se um céu aberto.

A queixa da Arvore

Para o José de Diniz, com o meu coração.

E a Arvore falou:

— Como são ingratos os homens... Vivo numa exaltação... A chuva me moiha e o sol me queima... E os annos vão passando... E a vida é sempre a mesma: rude, penosa... Na mocidade damos sombra aos que procuram o abrigo dos nossos galhos e o agasalho das nossas folhas... Na velhice (e a sorte é sempre a mesma para todas), não temos uma morte que nos satisfaça, que nos pague os bens que na mocidade fazemos: vem o Homem e com elle o machado... e somos levadas daqui, arrancadas do solo, roubadas ao lar—que é a nossa floresta: a floresta em que nascemos e vivemos—. Sorte ingrata!

E o Homem respondeu:

— Não tens razão, Arvore victoriosa... A tua queixa é uma blasphemia... Quantas vezes nós te adoramos num altar... Quantas vezes o teu tronco tem servido já de corpo de uma Virgem que se adora; de corpo de uma Venus que se ama; de altar que se santifica e se incensa? Não tens razão, Arvore angusta... A tua queixa é uma blasphemia... A floresta é um templo, e tu és a Deusa adorada; a floresta é um reino, e tu és a Soberana respeitada... Não tens razão, Arvore sublime... A tua queixa é uma blasphemia... Quantos fiéis vêm pedir sombra ás columnas do teu templo; luz aos dogmas da tua religião... Quantos servos vêm pedir a esmola da tua justiça, Arvore soberana... Quantos pobres vêm ao teu reino pedir a esmola da tua bondade... Não tens razão, Arvore rainha... A tua queixa é uma blasphemia... Fala se me amas, Arvore victoriosa, Arvore angusta, Arvore sublime, Arvore rainha... Fala fala... Continúa a tua queixa...

E a Arvore chorou...

Maria Esther

A opposição faz sempre a gloria de um pais. Os maiores homens de uma nação são os que ella entrega á morte. Socrates foi a gloria de Athenas, que julgou não poder viver com elle. Spinosa é o maior dos judeus modernos, e a synagoga o excluiu com ignominia. Jesus foi a gloria do povo de Israel, que o crucificou.

E. Renan



Poesia catharinense



Visão da guerra

REIMS

(A Oscar de Carvalho Azevedo)

O sitio é silencioso—especie de Mort-Homme...
Arvores espectraes e ossadas de defuntos;
Tudo é desolação... só um corvo, que come
Os restos dos *Tommiés* que succumbiram junctos.

Terra, céu, á *fusain*, doloridos, de luto...
Avenida augural de tibias e caveiras;
O campo não está de todo o sangue enxuto...
Resa a magoa, velada, á beira das clareiras.

O canhão esborcina os negros campanarios!
A luta corpo a corpo anda em ronda mortal
E os corações de mãe envoltos em sudarios.

Não se commove a Guerra em conjunctura tal...
Mas que Almas não estão, desfiando seus rosarios,
Resando a Jeanne d'Arc em frente á Cathedral.

(Inédito) — 1917

Oscar Rosas.

SEIOS...

(Inédito)

Lembram, n'um vaso etrusco, as rosas de Malherbe,
No tempo em que a Paixão é um mal que não se sente
Tão de perto nos fere!... e a vida logo acerbe...

Si alguém, de longe, os tenta—o que é commum—e foge...
Querem rasgar da blusa a trama muito rente
Na eloquencia de um ai!—como os teus fazem hoje!

Crescem...—Na amphora exul do busto as pet'las brancas
Abre, cheia de viço, a Flor de azuleos veios
Que o meu amor cultiva...—Ah! quanta sêde estancas,
Assim, do vinho de Hébe eternamente cheios...

E quando, um bello dia, abre-se a flôr dos seios,
—Já não é tão menina!—ebria de amôr, arrancas
A blusa... o cóllo surge... e escuto-lhe os anseios
N'um crescendo orchestral de sensações mais francas.

João Crespo.



PRAIAS

(Inédito)

(Para o José de Diniz)

Como fôsse tão longe o Campo Santo, os filhos
Da Maria do Mórro, achavam que deviam
Cangar ao rudê carro a junta de novilhos...
—E a velhinha que pesa!... afflictos repetiam.

E não era caminho, eram medonhos trilhos
Que elles e os animaes de atravessar teriam!
Mas antes que da noite os fulguerosos brilhos
Descessem, elles por certo a Villa alcançariam.

E no carro partiu um caixão mortuario,
Pela curva da praia, e pelo solitario
Caminho que ia dar, lá longe, ao Campo Santo.

Floriam nessa tarde, os roséiraes e as parras,
Resavam na floresta as rútilas cigarras...
E a chuva que cahiu depois, lembrava um pranto!

Araujo Figuerêdo.

PRESAGIO.

(Inédito)

Noto ha dias, que em torno á minha porta,
Uma ave estranha vigilante ronda.
Não sei a que virá essa ave hedionda,
Cujo olhar singular me desconforta.

Para outra banda nunca o vôo entorta;
E' unicamente a mim que espregia e sonda,
Quando me volve a cabeça redonda
Intenso frio o coração me corta.

Recordo-me que alguém contou-me um dia
Que uma ave má, também assim sombria,
Dera-lhe pungitiva provação.

Será talvez a mesma que me afflige?
Algum ser infernal que o Mal dirige
Para lançar-me fel no coração?

Octaviano Ramos.



Homenagem do *Oasis* aos brilhantes escriptores e jornalistas João do Rio, Azevedo Amaral e Georgino Avelino, fundadores do valente vespertino carioca *Rio-Jornal*.

Eduardo de Hartmann

(Trad. do francês por Altino Flores).

A parte o seu «apostolo» Frauenstaedt, Schopenhauer achou um verdadeiro discipulo e original continuador em Eduardo de Hartmann, nascido em Berlim em 1842.

Hartmann é uma natureza toda diferente de Schopenhauer, um amavel e doce pessimista, vivendo em um mundo distincto e divertindo-se no seio do damaismo. Mostrou, na sua mocidade, vivissimo gosto para as sciencias naturaes. Depois de ter deixado o gymnasio e feito o voluntariado, entrou para a escola de artilharia de Berlim, mas o seu temperamento doentio o fez renunciar a carreira militar. Não quis, entretanto, deixar suppor aos leitores que o seu pessimismo fosse devido, sequer em parte, ao seu estado de saude. Eis o que elle diz de si mesmo e do seu genero de vida, ao fim de um dos *Estudos*: «Minha querida mulher representa, no nosso lar, o elemento pessimista. Ao passo que eu defendo a causa do optimismo evolucionista, ella se declara sceptica para com o progresso. A nossa beira uma bella e florescente criança, que já se exercita a combinar os verbos e os substantivos, diverte-se com um cão, seu fiel amigo. Ella já se ergueu a consciencia que Fichte empresta ao eu, mas ainda não fala do seu eu, como o proprio Fichte de vez em quando faz, sinão na terceira pessoa. Meus parentes e os de minha mulher, qual um circulo de escolhidos amigos, partilham e animam os nossos entretenimentos e alegrias; e um amigo philosopho ultimamente dizia de nós: «Si se quiser ver ainda phisionomias satisfeitas e alegres, é preciso ir a casa dos pessimistas.»

Parece inutil, portanto, consagram-se volumes, como se tem feito, a refutação dum pessimismo que se apresenta com taes côres.

Tinha Eduardo de Hartmann vinte e dois annos quando começou a escrever a *Philosophia do Inconsciente*, que foi terminada tres annos depois, em 1867. Que é o Inconsciente? É a vontade de Schopenhauer, concebida como substancia universal; poder-se-ia dizer a Idéa de Hegel,

tornada inconsciente ao passar para Schopenhauer. Havia nella apenas um systema; em todo caso, com o confessa o autor no prefacio composto para a edição franceza, não era um systema amadurecido pela reflexão e pelo lento trabalho dos annos. Demais, que necessidade tinha a Alemanha de um systema novo? Mas o encanto do livro esta precisamente no que elle tem de pouco systematico, ainda que seja perfeitamente ordenado no conjuncto. Uma chamma juvenil perpassa atavés da erudição bastante real que nelle se patenteia, e é com gosto que se segue o autor nas suas observações, frequentemente finissimas, sobre o papel do inconsciente no instincto dos animaes, nas funcções organicas do homem e até nas suas operações intellectuaes, na criação da linguagem, nas instituições religiosas, em todo o desenvolvimento da historia. E o derradeiro quadro, em que elle mostra a humanidade chegada ao termo da sua evolução, fatigada de querer, pensar e viver, e não desejando sinão repouso na nada donde foi tirada mau grado seu, não é despidido de certa grandeza poética, a menos que se não considere como puro sonho de uma imaginação ociosa.

A *Philosophia do Inconsciente* teve um immenso exito, não somente entre os sabios mas entre todo o publico letrado, porém não augmentou muito o numero dos pessimistas alemães.

O principal merito de Eduardo de Hartmann e de Schopenhauer foi fazerem-se ler e despertarem o interesse de maior numero de pessoas pelos problemas do pensamento; foram elles que reataram os laços, que o idealismo transcendental tinha quebrado entre a literatura e a philosophia.

Ha em todo alemão instruido uma faculdade metaphysica especial, que quer ser exercitada e alimentada por si mesma. O francez adopta ou construo uma philosophia para que ella lhe explique o segredo da vida, e sobretudo para que ella o ensine a viver. O alemão, quasi sempre, sonha a sua philosophia, mas sabe muito bem que a gente sempre desperta de um sonho, e que, para agir, é preciso ter os olhos abertos. Cada alemão frequenta mais ou menos a cidade ideal de que fala Schopenhauer, contruida nas nuvens, e ahi deixa o excesso do seu

mysticismo innato, voltando mais aguerrido para os cambates da vida.

A. Bossert

Palavras sinceras

Barreiros Filho agradece-nos a noticia que demos a respeito de seu anniversario:

Diniz,

Dá cá essa mão á minha mão!
E agora, bem apertadas, sacudamol-as como se experimentassemos a força ás destras...

Ufa! Tive a impressão de que me querias, naquella legenda alleuitica, equiparar a Wilson. Creio mesmo que nem elle recebeu já tanto elogio...

Nós—os que fazemos do jornalismo arte e recreio—temos um grave defeito, Diniz: o de, por bondade, peccaminosa bondade! dar-mo-nos demasiado valor, valor que uns nos outros enxergamos pelo prisma fantasioso do nosso coração...

Não te agradeço nada do que a meu favor disseste. O que te agradeço é a intenção e o bem que me queres, revelador nos maternas gabos da alludida legenda do *Oasis*.

Maternaes, sim. Só as mães sabem, entre sinceras e ingenuas, dizer dos filhos aquillo que elles nunca foram, nem são.

Conheces de certo o mimo literario a que Daudet engastou o titulo de "Le petit chose." E nelle, sem dúvida, te captivou aquella figurinha de Jacques, *la mère Jacques*, o qual—não te lembras?—apesar de todos os defeitos e deficiencias do maninho *petit chose*, sempre o viu com olhos, não de critica, mas de mãe benevola.

Tu tens o coração de *la mère Jacques*, que, homem como tu, tinha, como tu, o mais aberto coração de mãe!

E, por isso, te esqueceste de dizer o que eu, de facto, sou: uma figura, intellectualmente secundaria, coloreando o seu nada, de tempos a tempos, em meia tira de napel para um canto de jornal; professorando, de cotio, esta lingua bem amada; aprendendo, no estudo dos bons auctores, o poder respeitável; magoando-se, a cada instante com o vel-a preterida ou assassinada; querendo aos amigos profundissimamente; abraçando-os, como neste momento o faz, num renovamento de amizade e camaradagem.

Sacudamos ainda as mãos, Diniz!

Barreiros

Chinesices

Das linguas asiaticas as que mais contribuíram para o enriquecimento do lexico português, foram o arabe, quando as hordas mahometanas, no seculo VIII, sob o commando de Tarik, atravessaram o estreito de Gibraltar, derrotaram os godos em Guadalete e invadiram a Peninsula como um bando de gafanhotos (1)", e o hebraico, através do Christianismo e da Biblia. A despeito de sete seculos de dominação, o arabe pouco influiu na lingua portuguesa, legando-lhe apenas uns tresentos vocabulos (2), de que ainda faremos uso.

Nos seculos XV e XVI começaram os mares a abrir-se ao arrojo dos navegadores lusitanos, que procuravam para o Rei terras desconhecidas, mercados seguros, aliados christãos que auxiliassem Portugal na guerra aos mouros, e países pagãos que carecessem da fé em Christo. O principe d. Henrique, sob cuja protecção as naos portuguesas desfilavam as suas velas, rumo do desconhecido, certo não ignorava as noticias das celebres viagens de Strabão, de Hannon, de Nearcho, de Polybio, e muito especialmente a do veneziano Marco Polo, que atravessara a Asia pela Mongolia, voltando por Samatra. Marco Polo encarregou um francês de escrever a sua relação de viagem e ahi vêm descriptas as maravilhas de Cathayo (3), tão rica e tão distante.

Corria, tambem, por esse tempo, a lenda do Prestes João, "o principe que se dizia pertencer ao gremio do catholicismo, possuir vastos dominios, numerosos subditos e grandes thesouros (4)". Seria o Prestes João um excellent aliado. Em 1412, partem de Lisboa as primeiras naos. Ceuta cae em poder dos portugueses. Funda-se na Peninsula a famosa escola de Sages e começa, com as grandes conquistas, o alargamento dos dominios de Portugal. As ilhas de Porto Seguro e da Madeira, Tanger, Arzilla, Alcacer Segner, Zaire e as costas da Angola passam sucessivamente para a Corôa. O grande Albuquerque toma Ormuz, a pedra do anel formado pela India, e estende a sua conquista à dourada Gôa e à riquissima

Malacca. O Prestes João ficara esquecido nos seus dominios, com os seus subditos e os seus thesouros. Era uma lenda.

O exito incita a Lusitania a novos arrojões, à devassa de todo o Oriente até os confins do mundo. E Duarte Coelho aporta a Cochinchina, Fernão Peres de Andrade desembarca nas costas da China, e Jorge Mascarenhas e Antonio Corrêa — em Lequeos e no Pegú. Desde logo foram estabelecidas relações commerciaes com esses países opulentos em especiarias e pedras preciosas, e na China installaram uma feitoria (5).

Datam dessa epoca os poucos termos persas, indús, malaios, sanskritos, japoneses, tibetanos e chineses que se encontram na nossa lingua. Dos chins adoptaram-se apenas uns quatro ou cinco vocabulos; nem mesmo *mandarim*, que Pacheco da Silva Jr., Lameira de Andrade e Ed. Carlos Pereira têm como tal (6), é dessa origem. Diz João Ribeiro que "o termo *mandarim* é português, derivado de *mandar*, vernaculo (7)".

Dentre as produções da China, pela abundancia e pelo vasto consumo, sobresaia o *tchá*, remontando a sua cultura a tempos immemoriaes. O uso da infusão das suas folhas estava espalhado em todo o país, havendo-se tornado indispensavel na alimentação dos seus naturaes (8).

Evidentemente, os portugueses trouxeram para Portugal o *tchá* beneficiado; e pelo principio do minimo esforço ou de "economia physiologica," essa "tendencia constante da lingua-gem a realizar o seu fim da maneira mais simples," como diz Ed. Carlos Pereira (9), o termo designativo da planta originaria do grande imperio asiatico, soffreu a alteração denominada *metaplasmo* pelos philologos, perdendo o seu elemento inicial (apherese) e tomando a forma — *chá*, — mais compativel com o genio da nossa lingua.

De todos os povos occidentaes, novilatinos e anglosaxonicos, só o português deu ao chá a designação verdadeiramente etymologica. E por isso mesmo não são raros os estrangeiros que se admiram desse discrepancia da lingua de Camões.

A proposito, conta-se que porocasião de um banquete offerecido, no Rio, a varios medicos argentinos, um dos nossos hospedes não perdeu o

ensejo, em conversa com distincto collega brasileiro, de estranhar o caso de maneira depreciativa.

Aparando o pião na unha, o nosso patricio explicou delicadamente que, a despeito dessa discordancia, o vocabulo português era o mais exacto, visto que tambem assim a gente culta do Imperio do Sól, com a qual os portugueses estiveram em contacto directo, denominava a *Thea sinensis*, de Mirbel, ao passo que os navegadores de outras nacionalidades, o ouviram da boca da plebe que pronunciava *té*.

Entretanto, é mais provavel que *tea* (inglês), ou *thé* (francês), provenha do nome da provincia *Té* (Tien—Tsin?), grande emporio da exportação de chá, como nos diz João Ribeiro no seu *Dict. Gramm.*, v. *Asiaticismos*. O que é factó é que, apesar de terem sido os portugueses os primeiros a desembarcar na China e de lá trazido o vocabulo *chá*, predominou em todas as linguas a forma *té*, ligeiramente alterada pela *economia physiologica*. E dahi termos perflilhado, incoherentemente, as cognatas — *theaceas* e *theima*.

C. C. P.

Importantes commissões

Pelo exmo. snr. dr. Hercilio Luz, digno Governador do Estado, foram commissionados os srs. inspectores Orestes Guimarães e Altino Flores, nosso redactor, afim de irem, o primeiro ao Rio com o escopo de obter do sr. Presidente da Republica o auxilio de que trata o decreto n. 12.034, e o segundo a S. Paulo e ao Districto Federal com o objectivo de estudar ali as ultimas medidas de caracter technico e examinar a possibilidade que apresentarem de de ser aqui adaptadas.

Oasis, que com interesse acompanha a obra da instrução publica, deseja aos esforçados inspectores do ensino estadual, as maiores felicidades no desempenho das suas honrosas commissões.

Canção dos escoteiros lagunenses

O sympathico e intimato seminario lagunense, *O Dever*, teve a gentileza de transcrever a 20 de de Outubro a chroniqueta patriótica que o nosso director José de Diniz publicou em o numero quarto desta revista.

A morte aperfeioa o homem mais imperfeito, e despe-o de defeitos para quem o amou.

Ernesto Renan

(1) Eduardo Carlos Pereira, *Gramm. Expositiva*, 5. ed. pag. 405.

(2) Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade, *Gramm. da Lingua Port.* 3. ed. pag. 17, e Ed. Carlos Perreira, *op. cit.* pag. 406. — João Ribeiro na *Intr.* à sua *Gramm. Port.* 11. ed. pag. XIV, eleva esse numero a 600, sem contar os archaismos, e Alfredo Gomes, *Gramm. Port.* 11. ed. pags. 91 e 95, a setecentos.

(3) Nome dado à China, na idade media. Alguns escriptores grapham *Cathay* ou *Catay*.

(4) A. F. Marx de Sori.

(5) Agencia de comp. comm., nas colonias.

(6) *Ops. cit.* pags. 21 e 408, respectivamente.

(7) João Ribeiro, *Dict. Gramm. v. Chinês*. — M. — N. Bonillet no seu *Dict. Univ. des Sciences, des Lettres et des Arts*, define: «Mandarin, ou portugais *mandar*, derivé du latin *mandare*, commandare, etc".

(8) M. N. Bonillet, *op. cit.* v. *The*.

(9) E. C. Perreira, *op. cit.* pag. 393.

Obras primas da poesia brasileira

Cruz e Souza

Cabellos

I

Cabellos! Quantas sensações ao ve-los!
Cabellos negros, de esplendor sombrio,
Por onde corre o fluido vago e frio
Dos brumosos e longos pesadellos...

Sonhos, mysterios, anciedades, zelos,
Tudo que lembra as convulsões de um rio,
Passa na noite calida, no estio
Da noite tropical dos teus cabellos;

Passa travez dos teus cabellos quentes,
Pela chamma dos beijos inclémentes,
Das dolencias fataes, da nostalgia...

Aureola negra, magestosa, ondeada,
Alma da treva, densa e perfumada,
Languida Noite da melancolia!

Olhos

II

A Grecia d'Arte, a estranha claridade
D'aquella Grecia de belleza e graça,
Passa, cantando; vae cantando e passa,
Dos teus olhos na eterna castidade,

Toda a serena e altiva heroicidade
Que foi dos gregos a immortal couraça,
Aquelle encanto e resplendor de raça
Constellada de antiga magestade.

Da Athenas florea todo o viço louro
E as rosas e os myrtaes e as pompas d'ouro,
Odysseas e deuses egaleras...

Na somnolencia de uma lua aziaga,
Tudo em saudades nos teus olhos vaga,
Canta melancolias de outras eras...

Bocca

III

Bocca viçosa de perfume a lyrio,
Da limpida frescura da nevada;
Bocca de pompa grega, purpureada
Da magestade de um damasco assyrio.

Bocca para deleites e delirio
Da volupia carnal e allucinada,
Bocca de Archanjo, tentadora e arqueada,
Tentando Archanjos na amplidão do Emyreo.

Bocca de Ophelia morta sobre o lago,
D'entre a aureola de luz do sonho vago
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha bocca virginal, cheirosa;
Bocca de myrrha e incenso, milagrosa
Nos philtros e nos toxicos secretos...

Seios

IV

Magnolias tropicaes, fructos cheirosos
Das arvores do Mal fascinadoras,
Das negras mancenilhas tentadoras,
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oasis brancos e miraculosos
Das frementes volupias peccadoras,
Nas paragens fataes, aterradoras,
Do Tedio nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,
Da aurora de ouro, do esplendor do sangue,
A alma de sensações tentalisando.

O! seios virginaes, thalamos vivos,
Onde do amor nos extases lascivos
Velhos faunos febris dormem sonhando...

Braços

V

Braços nervosos, brancas opulencias,
Brumae brancuras, fúlgidas brancuras,
Alvuras castas, virginaes alvuras,
Lactescencias das raras lactescencias.

As fascinantes, mórbidas dormencias
Dos teus abraços de lethaes fléxuras,
Produzem sensações de agres torturas,
Dos desejos as mórnas florescencias

Braços nervosos, tentadôras sérpes
Que prendem, tetanizam como os hérpes,
Dos delyrios na trémula cohôrte...

Pompa de carnes tépidas e flóreas,
Braços de estranhas correcções marmoreas,
Abertos para o Amor e para a Morte!

Palavras patrióticas

Maria Eugenia, a delicada e vibra til collaboradora da secção (Semana Elegante), que Marquês de Diniz fulgurantemente mantém no delicioso magazine que é a (Revista da Semana), dirigiu aquelle nosso confrade a carta abaixo, toda cheia de uma emoção patriótica verdadeiramente tocante, e que não podemos furtar nos de a resentar aos nossos leitores.

Carnet

«Meu querido reservista:

Deves imaginar o estado em que se encontra meu coração! Li, hontem, as palavras fortes e patrióticas do embaixador do Brasil em Washington: «dentro em pouco meu país terá a satisfação de ver sua bandeira tremular ao lado das flammulas dos outros alliados nas batalhas decisivas, lutando por conseguir a victoria da —Justiça e da Liberdade». Quem assim falou é o ministro do Exterior do futuro governo da Republica: seu discurso é, pois, o reflexo exacto do programma de acção a inaugurar-se dentro de breves dias, com o advento do benemerito conselheiro Rodrigues Alves.

De ha muito, falavas-me nossa partida, que tinhas como certa. Sempre te ouvi risonhamente, graças ao meu pobre desejo de que não fosses, crente de que não irias... Que não fosses... não é bem isto! Nunca te amei covarde ou traidor de tua patria: é que estava certa de que não irias. Todos o diziam. Não o dizias tu, mas ninguem pensava como pensavas:—que não era preciso... que não era possivel... que não careciam de nós... Assim murmuravam, assim acreditei. Tu, só tu... a convencer-te do contrario! E... tinhas razão!

Vaes partir... Imagina um pouco, em meio d'esse alvoroço de tua alma sonhadora de gloria, o estado de meu pobre coração,—este pobre coração, que aneia por que sigas e voltes coberto de louros e que, ao mesmo tempo receia, treme, se afoga em lagrimas... medroso de que fiques, para sempre—para sempre!—perdido por lá!

E hei de eu ver-te partir, sorrir no meu ombro abatido, enquanto caem minhas lagrimas interminas... ver teu lenço nervoso agitar-se da amurada de um navio que se afaste sempre, que se afaste sempre...

Mas tu irás! Partiras, sim, quaesquer que sejam as lagrimas e os gritos de dor que has de ver e ouvir... teus velhos paes (aquelles tristes e fatigados corações de teus paes!)... tuas meigas irmãs... e... eu, meu querido, que amo tanto e nunca sonhei, por mim e por ti, sinão um grande sonho de paz, um grande sonho de felicidade tranquilla!

Mas tu irás! Essa é a immensa dor minha e o grato orgulho do coração que vive cheio de tua imagem! Irás, sim, bem sei, meu querido!

Irás!... Conheço teu civismo, teu instincto de gloria, teu amor ao Brasil!

O Brasil! Com que abnegação, com que exaltação e orgulho saberas defendel-o, olhos fitos em sua gloriosa e formosa bandeira, toda ella um céu aberto vertendo a luz das estrellas e as lagrimas de fe... as nossas lagrimas, dor nossa e esperança nossa!

Irás, sim, meu herói!

Maria Eugenia.»

Os novos livros de Araujo Figuerêdo



Para todos os que amam esta pequenina e adoravel terra, por certo foi de alegria a noticia que lhes d'emos no numero passado desta revista, de que Araujo Figuerêdo está ultimando o seu segundo livro de versos.

Repisando essa boa-nova, fazemo-lo apenas para rectificar um equívoco em que escorregámos então. E' que o futuro livro do admiravel poeta não tem o titulo de *Horas Mariannas*, como dissémos, mas, de *Praias*. Delle já havemos publicado alguns sonetos.

Nos seus versos adoraveis serão cantadas as singelezas da paralia vida catharinense, entre os densos nevoeiros de inverno, o fragor das tormentas em noites caliginosas, ou o rumor manso das ondas nas enseadas de areias refulgentes...

Além desse livro, que breve entrará no prélo, Araujo Figuerêdo tem em preparo mais dois: *Corôa de espinhos* e *Novenas de Maio*.

Como se vê, em Araujo Figuerêdo o trabalho do homem não afoga a sensibilidade do poeta.

Que venham os seus livros!

As circunstancias não favorecem não o que é justo e verdadeiro.

E. Renan

Gatafunhos

Terça-feira. 24 horas.

Do velho relógio da velhissima Cathedral, alli defronte, escorregaram, torre a baixo, doze grossas e soturnas pancadas que se derramaram mollemente na muda e densa escuridão que jaz lá fóra; doze pancadas feias e sombrias que romperam, funestas, a modorra afflictiva das trevas, como brados agonizantes de um moribundo.

São os doze ultimos gemidos da terça-feira que sucumbe erma de coisas uteis, ôca de proveito e de obras.

Meia noite! Mais um dia a pesar nos ombros gastos da Velhice; mais um dia a risar no almanaque—esperança da Mocidade. Mais um dia de idolencia, de bocejos, de sinecura, para os burocratas parasitas e banaes; mais um dia de luta, de suor, de penas, para o operario criador e fecundo! Mais um dia cheio de gargalhadas estupidas, de torvos projectos de ganhar, de vinhaças ignobeis, de vicios, de bestialidade, para os ricos inuteis; mais um dia de fome, de horrores fustigantes de miseria, de pequenos dramas, para os desgraçados que não têm do Ouro!

João de Aquino

A philosophia não satisfaz as turbas. E'—lhes mister a santidade.

E. Renan

Revista Feminina

Temos sobre a mesa o numero 53 desta magnifica revista mensal que se publica em S. Paulo, relativa ao mês de Outubro. O presente numero compõe-se de cerca de oitenta admiraveis paginas de texto e de outras tantas gravuras nitidamente impressas, alguma das quaes a cores e trichromia.

A excellente confecção material da revista conduz bem com a excellencia da materia, que é variada, abundante e propria a satisfazer a todos os paladares, seja qual for a sua exigencia em questões de novellas, critica, arte, viagens, sciencia e erudição.

Estamos informados que a direcção da brilhante confreira está confeccionando um bellissimo numero para o Natal.

Oasis agradece a visita da *Revista Feminina*.

A morte é boa para os que traham para o futuro.

E. Renan

LUIS DELFINO

Margarida

Tinha apenas um quarto. Na janela,
Numa jarra de barro, brotam flores:
São, aos raios do sol, as doces cores
Que lhe doiram os sonhos de donzella.

De uma Virgem Maria a imagem bella,
Por entre nuvens de anjos e esplendores,
Para contar-lhe os tímidos amores,
Guarda sobre uma commoda singela.

Era tão boa, era tão pura, entanto,
Que sua alma nos olhos tinha o encanto
De um sol acarrentado a um grão de orvalho.

Creança, um dia pelo amor trahida,
Lançou ao crime, de repente, a vida,
Como se lança um diamante ao malho.



Soneto

Fugiu? — Espera: vamos vêr. — Supporta
A dor; socega... — Mas, para onde iria?
Quem, para o firmamento, abriu-lhe a porta?
Quem foi? quem é? quem, pobre mãe, seria?

Tão branca estava!... mas não 'stava morta...
E quando inda cantava, e quando ria,
Subita mão dos laços d'ouro a corta;
Foge... e a estrella subio... subio... subia...

Como está longe! — Agora tu que esperas?
Nossas leivas são curtas e maninhas;
E que rosas tem ella nas espheras!

Oh! mãe, andam os sóes e as andorinhas
Atraz de azues e atraz de primaveras,
E o eterno azul em flor no lar não tinhas...



Sanguínea

Longe, vasto horizonte retalhado
De serras, côr de um glauco-azul, distantes,
Brumas por cima, como véos flutuantes,
Perto, o fragor das músicas do prado.

O acre, intenso balsamo exalado
Da mata, onde andam fáunos, como dantes,
Rochedos idéais e as espumantes
Aguas do rio as cristas debruçado.

Um cheiro bom das coisas, que embriaga;
A luz, que sobe, sobe, embebe, alaga,
O azul enorme; a garrula manhã

Correndo a ouro e pérolas as núvens...
— Ora!... Deus plagiando um quadro a Rübens?!...
Quando isto vir, o que dirá Rembrandt?!...

As Nãos

« Sobre as azas pairando, as nãos entram, na lenta
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas;
E enquanto aos pés, em flor, uma vaga rebenta,
Outras cantam solãos, rindo em torno grupadas.

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,
Fugindo a um velho mundo e fugindo à tormenta,
Que entre nichos de pedra e agulhas lanceoladas,
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar — intermino Sahara —
O' Nãos, vós afrontaes os ciclones, o grito
Negro, que vem do abysmo e urações, cara a cara

Sois mais, que esses trophéos lendarios de granito,
No seu pannejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano e a cupula o infinito.»



Cadaver de virgem

Estava no caixão, como num leito:
Pallidamente fria e adormecida;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida!

Pés atados com fita em nó perfeito;
De roupas alvas de setim vestida;
O tronco duro, rigido, direito...
A face calma, languida, dorida...

O diadema das virgens sobre a testa;
Niveo lirio entre as mãos; toda enfeitada
Mas... como noiva que cansou na festa...

Por seis cavallos brancos arrancada,
Onde vaes tu dormir a longa sêsta
Na molle cama em que te vi deitada?



Depois do Edem

Quando a primeira lagrima, cahindo,
Pisou a face da mulher primeira,
O rosto della assim ficou tão lindo,
E Adão beijou-a de uma tal maneira,

Que anjos e thronos, pelo espaço infindo,
— Como uma catadupa prisioneira —
As seis azas de luz e de ouro abrindo,
Rolaram numa esplendida carreira...

Alguns pousando a proxima montanha,
Queriam vêr de perto os condemnados
De dôr tansidos, na agonia extranha...

E ante o fulgor dos beijos redobrados,
Todos pediam punição tamanha,
Anciosos, mudos, tremulos, pasmados...



"Ninguém foge ao seu destino"

As estranhas palavras de Martinelli, ao ver em torno de si nuns negros golfãos de mar, a morte do afogado; morte sem luz, sem família, sem epitaphio, sem pranto nem beijo de mãe—deverão ser traduzidas como phrase de fatalista desalentado?

Então, aquelle rapaz loiro, que tinha tão doce luz no azul dos olhos e tão verdes esperanças no coração—um coração onde se anichára inteiro, perfeito e modelar um quasi infinito amor á dolorosa que lhe dá o ser—não era crente, não era cheio de fé, não se abraçava de sentimento religioso?

Pode-se lá crêr que lhe escapasse dos labios tremulos, no instante tragico em que os proprios atheus não resistem á reconciliação com Deus—um brado de vencido, de já entregue á descrença, á pusillanimidade e á covardia?...

Ah, não!

Martinelli, ao approximar-se-lhe a morte, cara a cara com ella, gritou aquelle «ninguém foge ao seu destino!» porque entendia que no mar o marinheiro morre com o seu navio, afundando-se electrizado nos escrupulos da honra, como um valente em posto avançado, como um desses encanizados do dever e brio militares, irreductiveis ainda quando fugir e salvar-se é licito e não macúla!

Se não havia responsabilidades que o prendessem a bordo!

Se era geral a ancia de salvamento, e se, em redor, como noivos amortalhados nos uniformes brancos, os seus collegas já se atiravam a nado!

Mas elle, que triumphára em toda a sua carreira; elle que lhe subira os degraus por esforço proprio, maravilhando os amigos, enternecendo os mestres, enchendo de lagrimas doces os olhos da dolorosa velhinha Martinelli—como se renderia na crise unica de sua carreira: a da desgraça?...

* * *

Sim, amigo Martinelli! Tu não fugiste ao teu destino: ao brilho do talento com que nos fazias inveja; ao aço da tua vontade e iniciativa com que nos edificaste; á grandeza dos teus sentimentos filiaes com que te definiste, caracterizaste e santificaste—havia de pôr um fim condigno, um remate proporcional aos teus precedentes!

las a triumphar e, para ultima de tuas conquistas de intelligente

e corôa de teus brios de marinheiro—esse golpe que te fulminou, tambem te illuminou; foi tragico, mas foi coherente: não podias fugir ao teu destino: talento, coração, grandeza e morte honrosa!

BARREIROS FILHO.

Salve! Italia! Patria Bemdicta e Heroica de Dante e D' Annunzio!



S. M. Victorio Emmanuel

Homenagem do *Oasis* a laboriosa colonia italiana domiciliada em Santa Catharina e representada pelo illustre cavalheiro A. Carnellutti, digno consul de Italia, nesta capital.

Postal

(Aos rapazes do C. N. F. M.)

No espelho das aguas a que o sol dava uma fulguração de escamas de prata, duas *yoles*, em enthusiamada porfia, fisyavam p'ra diante, num arremêso das setas.

Da praia, do caes, das pontes da cidade, umã multidão curiosa e palpitante, olhava, soltando gritos de incitamento, agitando lenços...

As duas *yoles* voavam, a par uma da outra, e os seus remos spatulados, recurvos nas folhas, erguiam-se e baixavam-se celeres, como patas de aranhas a fugir.

E ainda a justa estava por decidir. Os espectadores gritavam interjeições incitantes.

De repente, uma dellas, fina e valente, num esforço que certamente lhe fizera ranger as juntas e flectir os toletes de bronze, pôs a aguda prôa adiante da outra, que se retardava, avançou, ultrapassou a balisa final.

Palmas e *bravos*! estrugiram. Nas camisas dos que a tripolavam e erguiam os remos em triumpho, viam-se as côres *encarnada e preta*.

ALTINO FLORES

Uma esquecida pagina de Cruz e Souza

Como curiosidade, damos a estampa hoje uma bella pagina de Cruz e Souza, publicada nesta capital ha 31 annos, no n. 4 da *Revista Typographica*. Essa pagina, tão sentida e emotiva, não está contemplada em nenhum dos livros de prosa do artista negro. Eil-a:

As Mães

A Araujo Figueiredo

Vêde-as passar na vossa imaginação, velhinhas e tremulas, ainda com o resto do brilho de um sonho apagado no fundo do olhar.

Vêde-as, olhae bem para ellas: são as lutadoras, as desventuradas, as esquecidas, as desprezadas,—aquellas que carregaram o mundo nos ombros por amor dos filhos, aquellas que se sacrificaram por elles nas longas noitadas, no trabalho de sempre, a cada hora, a cada minuto, a cada segundo, com o coração vertendo sangue, transpassado pelas espadas do desespero...

Olhae bem para ellas. No seu rosto ha a impressão viva e forte de milhões de lagrimas choradas, a ansiedade do futuro bem-estar dos filhos, as incertezas, as preocupações, as duvidas, as esperanças, os temores, os receios,—todas as maguas e todas as dores, todos os estremecimentos e todas as agonias que formam a terrivel luta que circunda a fronte das mães como uma aureola de resignação e de martyrio.

Abençoadas criaturas da terra, ó mães soberanas! o que o vosso consôlo e o que o vosso piedoso e nobre amor nos ensinam (ai! que desgraça e que triste desolação em voz dizer isto!) é inteiramente esquecido por nós. Por isso passaes no mundo como ignoradas sublimes, sem um adeus do vosso passado, sem um lenço saudoso que se agita no ar da estrada da vossa existencia, saudando-vos carinhosamente como as heroínas do bem humano, acenando, em signal de gratidão, de adoração e de respeito, para as vossas illusões mortas lá longe, muito para trás, da outra banda do vosso presente...

Cruz e Souza

Cipreste

Falo só do cipreste piramidal; os outros ciprestes que estendem os seus ramos horizontalmente não teem fisionomia própria, e confundem-se com os pinheiros, com os abetos, com toda a coorte das coníferas. O botânico distingue-os uns dos outros, e baptiza-os, mas o amante do belo acha-os vulgares, e condena-os à plebe do verde.

O cipreste piramidal, o verdadeiro cipreste, é, pelo contrario, uma das plantas que mais acentuada teem a propria individualidade, e, justamente por isso, occupa um dos primeiros lugares na botânica psicológica e religiosa dos poyos civilizados. Ao vello, todos deveriam ter sentido a mesma emoção, porque o consagraram à dor e à memoria dos extintos.

Direito, rígido, inflexível, escuro, até nas folhas mais metal ou pedra do que tecido vivo, ergue-se para o céu, sem nunca se curvar aos ventos, nem ondular à brisa. O sol não o alegra, à chuva não o banha, parece não aceitar as caricias da primavera, nem se aquecer às ardências da canícula. Só o raio o pôde arrancar. Sublime egoista, nunca estende os braços para acariciar as plantas vizinhas, e conserva apertados, muito apertados ao tronco ramos e ramuscúlos, como se quisesse viver só, sempre só, em si, para si e consigo. Não sei se por inércia desdenhosa, ou para permanecer fiel ao próprio egoismo, conserva durante anos os seus frutos duros e rígidos como êle, quando já tem frutos novos e flores novíssimas. Não suporta as leis da monogamia, e, despresando toda a tirania dos costumes, ora é monógamo, ora bigamo, ora poliandro, ora polígamo, tendo o sexo em plantas diversas, ou reunindo os dois sexos numa planta só. É sobretudo ávido de liberdade, e, príncipe dos egoistas, não concede sombra nem sequer a um raminho de erva ou ao mais pequeno ratinho. Não dá mel às abelhas, nem flores às esposas, nem frutos à criança.

Só depois de morto concede a rama ao lume, e a própria madeira aos trabalhos do homem. Não dá nada aos vivos, nem abrigo, nem sombra, nem bebida, nem alimento. É a planta dos mortos, mas, eternamente egoista, vive séculos e séculos, vendo, impassível, succederem-se aos seus pés cadáveres a cadáveres, sepulcros sepulcros. Nunca ri, nem mesmo quando é criança; porque, apenas nasceu, é já egoista, é já vestido de escuro, é já serio.

As suas belezas são belezas tristes. Quando o vêdes solitário sobre uma sepultura, podeis tomá-lo mais por uma coluna do que por uma planta; e é, com effeito, uma coluna vegetal, um mausoléu vivente, um monumento que não raro dura mais a memoria dos vivos, mais que a gloria dos mortos.

A's vezes, quando a vossa alma, delicada pela tepidez do sol, pelo perfume das flores, pela companhia da mulher amada, vos faz achar belas todas as coisas, e toda a natureza é para vós revestida dum sorriso, até o cipreste já vos não parece então uma coluna fúnebre, mas um grande ponto de exclamação, que pode ser também de admiração. A admiração sobre um túmulo deveria ser a expressão mais fiel do culto dos mortos; mas o cipreste, mesmo admirando, parece sorrir escarinho da vaidade das coisas humanas.

Quantas vezes, ao ver, entre os alegres pâmpanos e os fecundos olivedos da Toscana, erguerem-se aqui e acolá os raros ciprestes, justamente como outros tantos pontos de admiração que a terra envia ao céu, reconhecida por tôdas aquelas alegres belezas da verdura, por toda aquela jucunda alegria dos montes, tenho perguntado a mim mesmo: "E aqueles ciprestes admiram ou escarnecem? E aquelas árvores, sempre vestidas de escuro, exalta n a fecundidade da terra, ou choram a caducidade das esperanças humanas? Quem sabe?"

O cipreste, todavia é também bello; bello pela nota de contraste eloquente, que põe entre as moles criaturas que o rodeiam; bello, porque até a tristeza, porque até o orgulho, porque até a misantropia desta planta teem belezas próprias. E cresce e centuplica-as, quando, em dupla fila, dum e doutro lado dum caminho, os ciprestes se enfileiram uns atrás dos outros, proximos, mas sem se tocarem, parecendo sombras de sacerdotes, que acompanham o homem ao derradeiro repouso.

Paulo Mantegazza.

Frivolidades

O alegre club da Praça Quinze continua a ser o ponto de reunião da nossa "jeunesse".

A nossa *sympathica* conterranea, que possui o mais delicado dos nomes indigenas, é que tem uma verdadeira adoração pelo dito club. Porque será?

Mlle. deixar-nos-á dentro em breve, mas, estamos certos que, na bella Guanabara, quando estiver gozando todos os requintes da civilização, nunca se esquecerá das divertidas *domingueiras* e... de alguém.

Uma arvore, certamente, pôde crescer em solo estrangeiro!

O coração humano, certamente, não está captivo do terrão que o produziu!

Mas, tantos fiosinhos da raiz da arvore ficam no velho solo — que ella cresce, sim, mas adocece.

Todas as pequenas relações que prendem o coração humano á terra natal — quem, em outra terra, poderá substituil-as e esquecel-as?

O coração humano continua a bater debaixo do céu alheio, mas, se

fôr sensível e delicado, não baterá sem saudade.

O coração de Mlle. e extremamente sensível e delicado e, se não nos enganamos, elle começou a bater numa pitoresca casinha da Rua Esteves Junior...

Numa das ultimas "domingueiras" notamos no Concórdia:

A espontanea franqueza de mlle. Lucinda, dizendo que brinca com todos e não se dedica de preferencia a um ou outro. O porte gracioso da "princeza dos nossos salões"! Mlle. Eliette fallando que está doida que alguém volte. A estranha *sympathia* de mlle. Aracy pela valsa "Belmira" do "seu Willy". A paixão insaciavel de mlle. Iracema pela dança. O progresso que está fazendo Mlle. Ica na arte choreographica. Mlle. X contente por ter voltado do Rio a seu "pequeno" (Pudera, elle estava sentado atraz da cortina!). A vivacidade eterna de mlle. Amelia. O "flirt" de mlle. Maria com o governo "empresario". A elegancia de mlle. Pepita em dançar o "picadinho". Mlle. Augusta, formosa, mas, muito irrequieta. A seriedade de mlle. Olga. O olhar faiscante de mlle. Zizi. A indizível melancolia de mlle. Neria. A ausencia de mlle. Beatriz.

Uma emoção um pouco forte não se oculta a um espirito observador...

O jovem e gordo "capitalista," assim lhe chamam os seus amigos, desde que voltou da "cidade do príncipe", anda inteiramente mudado. Aquelle passeio ao norte do nosso Estado foi que operou a mudança que nos maravilhou.

Foi necessario que o nosso homem sahisse daqui para aprender a amar! É o tal historia do propheta... A julgar pelo que nos contam, elle anda deveras impressionado com a paixão que lhe inspirou a loira filha do olhar vivo e do sorriso expressivo. Será possível que não tivesse tomado chá em creança?

Para o seu maior consolo, trouxe consigo uma grata recordação, que o acompanha a toda parte. E, contemplando-a, frequentes vezes, terá certamente não poucos momentos de indizível saudade.

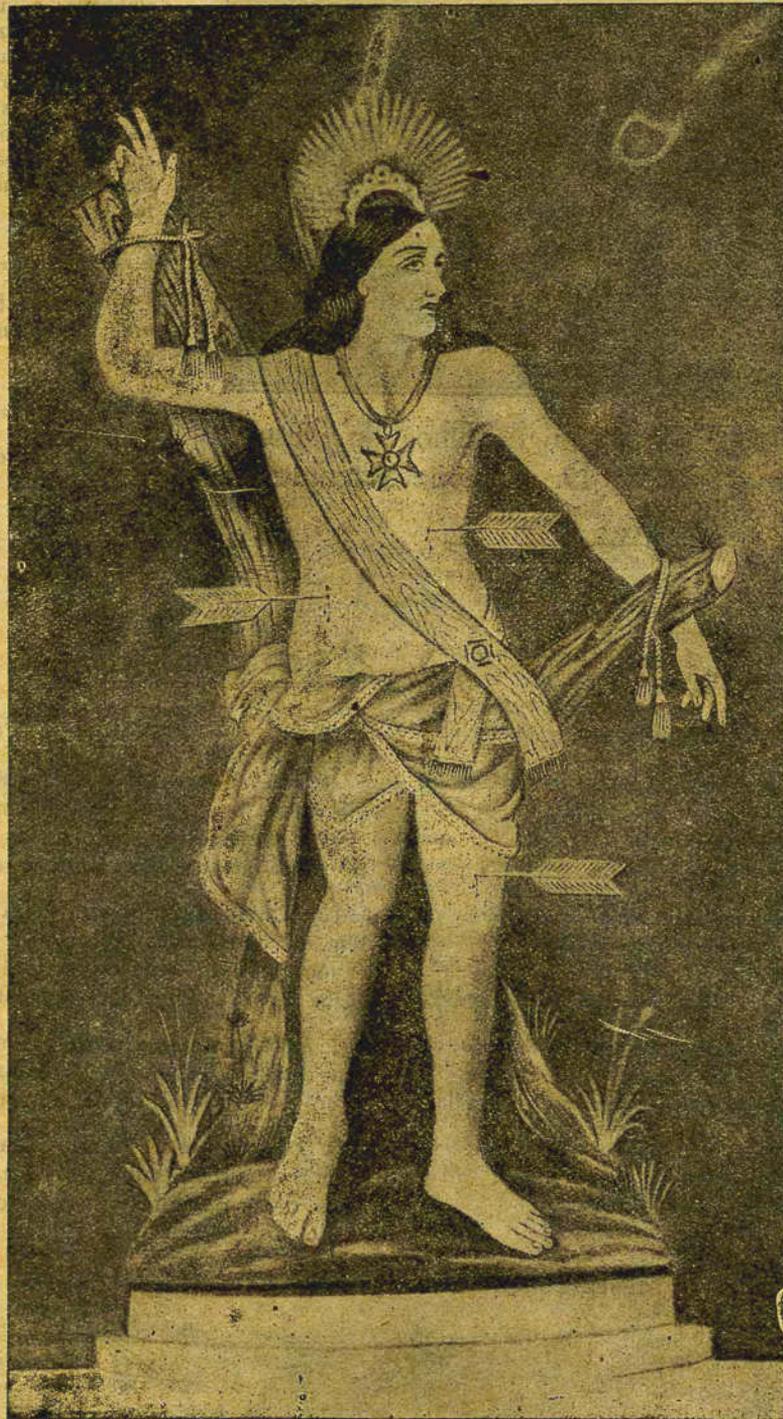
O insinuante *gentleman*, cujas calcinhas curtas teem dado que fallar aos nossos insupportaveis trepadores, é bem o moço que poderá fazer a felicidade de "alguém".

O que mais estranhámos é elle frequentar os nossos salões, e... não dançar.

Quantas das nossas gentis conterraneas desejariam tel-o por par! Mas, se ellas conhecessem o tal romance da promessa de outros tempos, fugiriam, não de medo, mas de compaixão.

—Cavalheiro, quer um conselho? "Deixa as maguas pra traz", como diz o dictado.

Glorioso Martyr São Sebastião



"Acceite, egregio Martyr, os louvores
Que te rendemos hoje agradecidos,
Por ti sejamos sempre defendidos
Do flagello da peste e seus horrores".

(Ext. de um Cântico).

Grupo encantador



Um lindo grupo onde posam os filhos do illustre e honrado catharinense General Dr. Felipe Schmidt.

Aguarella

"..... Morria já o sol, e apenas uma rubra fulguração outomnal batia de raspão a copa do arvoredado imóvel e calado, purpureando esbatidamente a longinqua linha da serra. As sombras projectavam-se no chão, alongadas e indefinidas. Uma ou outra folha morta desprendia-se do ramo, bailava um instante no ar, cahia direita entre a relva. Mugiam vacas para além das sebes colleantes, e o rechinar monótono de um carro, que subia das bandas do rio, era como uma lamúria dolorosa e estridente....."

A. FLORES

O dogma fundamental é crer na vida; a suprema heresia é perder a esperança.

C. Wagner

Todo acto é um acto de combate.

C. Wagner



Abandonada...

(Ao José de Diniz)

Dizem que eu me esqueci, que eu me não lembro della, Aquelles que me vêm a gracejar risonho, Suppondo que esse riso em conclusão revela, Ao fim de um sonho antigo, o exórdio d'outro sonho.

No entanto um lindo porte, uma apparencia bella, Eu lembro muita vez, tornando-me tristonho, E dizem mesmo assim que eu me olvidei daquella Em quem não fallo mais, nem mais os olhos ponho.

Peço não digam, pois, que em lagrimas banhada, Deixei-a, sósinha, um dia, se lamentando em vão, Ao longo de um retiro, á margem de uma estrada.

Não digam que a olvidei, por minha ingratião, Não digam,—porque foi sómente abandonada; Abandonada—sim, mas esquecida—não...

(Inédito)

Mascarenhas Filho

Medieval...

(Para Mlle. Concettina Piccolo)

—Senhor! é singular o vosso atrevimento; olhos fitos assim na adorada janella...
—Que, bem se vê,—oh céos, oh fero amor ciumento!— de vossa amante é o ninho e a perfumada umbella...

—Por Satanaz, em guarda!—A's vossas ordens... Ella tem os olhos azues ou negros?—Sois odiento! Nunca mais falareis, eu juro, de Arabella... (Dos ferros o tlim-tlim angmenta, atroz, violento).

—E a côr? morena ou loira?—A minha espada, em breve, vos dirá!—De carmim os labios e de neve o collo?—Eis-vos ferido em quarta primorosa!...

—Vejo a morte...—Dizei vossa ultima vontade!
—Sim... quizera saber, doce tranquillidade, se a dama por quem morro... ao-menos... é... formosa...

(Inédito)

Plan.



Seguimos sempre um chefe; e, quer queiramos quer não, somos discipulos de alguém.

C. Wagner.

O homem comprehende melhor o exemplo do que a regra, e segura melhor o bem em acção do que em Theoria.

C. Wagner.

Não acredites nunca no que te disser a mulher. Se está a chover e ella o diz, com certeza não está. Se a casa arde e ella o diz, com certeza não ha fogo. A mulher é o spleen da serpente, a unica pilheria de um Deus severo como Jehovah, que passou seis dias a trabalhar e ao cabo desse prazo curto sentiu que irrevogavelmente nada mais tinha a realisar. A mulher é um devaneio a «partida» de Deus á criação. Não acre-

dites na mulher. Ella mente por mentir, sem intenção. E mente sempre... Mas devo dizer-te que o mundo não teria sido refeito se não fosse essa mentira, e que tu não viverás se não fores como todos nós victima dessa mentira muita vez...

João do Rio

A grande dor de todo homem que ama o bem é sentir em si a possibilidade do mal.

EXPULSA



—E' que ella não se dá bem com a senhora.

—Commigo! Não se dá bem commigo... Porquê?

—Incompatibilidade. Os genios não combinam. Mamã pensa de um modo, ella d'outro, d'ahi as impertinencias, os maos humores. O melhor é acaba-mos, de uma vez, com isso. A senhora aqui não tem descanso, nem eu.

—Então ella pensa de um modo e eu de outro... Quem lhe disse tal? Eu não me atrevo a emittir opinião, sou o proprio silencio e, quando sinto que alguma coisa pôde provocar reparos do meu juizo, evito-a, nem levanto os olhos, para que n'elles se não leia o meu pensamento. Dar-se-á o caso de ser ella adivinha? Se o fôsse, não procederia com tamanha injustiça, porque conheceria o segredo do meu coração. Faze o que entenderes. Eu estou por tudo.

—Eu tomo um aposento para a senhora em casa de uma familia... E' melhor. Afinal, que vida levamos nos? com franqueza? Mas não chore. Porque chora?

—Por nada.

—Mamã deve comprehender que não é por minha vontade que tal succede. Fiz o possivel para estabelecer a harmonia. Infelizmente...

Tens razão. Ella é tua mulher. Eu, que sou aqui? uma hospede importuna, uma intrusa.

—Isso não! A senhora é minha mãe.

—Tua mãe... Isso foi em outro tempo. Já não és filho, és esposo. Mãe é uma palavra doce, pequenina e facil, é a primeira flor dos labios, que tem encantos na boca de uma creança. Depois que nascem os outros vocabulos, essa insignificancia torna-se quasi ridicula. A's vezes reaparece nas horas de soffrimento, como um gemido. E' assim. Tua mulher tem razão. Uma velha, cheia de rugas e de cabellos brancos, sempre a fallar do passado, deve entristecer, isso deve. Ella é moça e pensa, talvez, que eu tenho ainda algum dominio sobre o teu coração. Como se engana. O beijo que de ti recebo é uma esmola, e ella toma-o por um presente; os afagos com que, ás vezes, me acaricias, por piedade, são restos da ternura que lhe dás, e nem isso ella consente que desperdices commigo; se os gastasses com um animal, ella não se zangaria. Eu comprehendo. Ella quer a posse absoluta. Eu aqui recorro um puro amor que ella ainda não conhece: o amor de mãe. A praga que lhe roga é uma benção: Deus lhe dê um filho, e só então ella saberá que esse sentimento não tem parrelha no coração: é uma grande dor que se envolve em alegria, é um sorriso de resignação, é um extase de martyrio. Os teus beijos, meu filho,

dõem-me no coração, como cravos, e fazem-me feliz. Não sei dizer que sinto, mas comprehendo o ciume de tua mulher. A mãe é uma arvore que produz para o lavrador. Os filhos que morrem são como fructos que cahem e, desfeitos, tornam em seiva ao tronco de que sahiram. Os teus irmãos mortos... eu os sinto em mim. Tu... vai a teu destino. E's o fructo colhido, vai. Eu fico no meu isolamento d'arvore enraizada. Tua mulher queixa-se de mim, não me supporta. Que lhe fiz eu? nada: sou tua mãe, eis o crime. Ella julga-me capaz de influir em teu espirito; bem sabes que não intervenho de modo algum na tua vida particular. Se ella te faz soffrer, recolho-me, vou chorar escondida sobre as tranças louras da tua infância, sobre o retrato que conservo do tempo em que eras meu filho, meu só. Hoje és della. Eu ando pela casa com receio de que meus passos sejam ouvidos, sou tão silenciosa como a minha sombra. A' mesa, não fallo nem ouço. Se os vejo unidos, retraio-me, desapareço, para que a minha velhice não vos perturbe com a sua austeridade. Quando sahes, encerro-me no meu quarto e lá fico. Diz ella que anda sempre a resmungar. O resmungo dos velhos é uma ruminação, meu filho; são antigas palavras gastas que voltam á boca, conversa com os mortos, recordações, confidencias da saudade. Não são vozes de revolta.

—Nem ella tal pensa.

—Como não! Eu bem sei. Falla de mim ás creadas: que a espiono, que faço avarizas, que me preocupo com tudo. E' uma injustiça. Tua mulher é uma creança, não pôde comprehender a alma de uma velha. Eu queria que ella vivesse em plena ventura, porque sendo tua esposa transmitiria a felicidade ao teu coração. Quando a vejo amuada, soffro por ti — parece-me que vais entrar em um espinhal. Se lhe fallo, algumas vezes, aconselhando-a, é para amenizar-te a vida, preparar-lhe o coração para que não te receba com dureza. Afinal... és meu filho.

—Mas não chore, minha mãe.

—Irei para onde quizeres. A casa ficará sem velhice, sem passado. E não penses que saio revoltada, a minha benção ficará contigo. E é melhor que eu saia já, antes que também te revoltes contra mim.

—Eu, minha mãe!

—Sim, tu. A mulher infunde a sua vontade no espirito do homem, propina-lhe o seu veneno. Ha beijos, meu filho, que são mais perigosos que dentadas de viboras. Saio antes que a tempestade chegue ao teu coração, assim terei a certeza de que me não maldizes.

—Mamã é ingrata.

—Não sou Ouve a tua consciencia e ella repetirá as palavras que te

digo, porque são verdadeiras. Que sacrificio eu não faria por ti? E' tão pouco o que exiges de mim. Outra fôsse ella, e não consentiria que me fallasses, mandaria a ordem por um creado. Ainda é muito boa. E's tu que me abres a porta, assim, sahindo, ainda te vejo e posso abraçar-te pedindo a Deus que ponha n'esta casa, no logar que deixo, um dos seus anjos predilectos. Vou, é preciso que vá, para que a tranquillidade e a alegria entrem no lar que os meus cabellos brancos fazem tão triste. Não vou agora, porque é noite.

—Oh! minha mãe, ninguem a expulsa. Esta casa é sua. Proponho-lhe apenas um accordo.

—Sim, um accordo... Nem choro mais, vês? Não quero que fique n'esta casa vestigio algum de mim, e as lagrimas, quando vêm do fundo do coração, queimam. Vai, vai deitar-te. Estamos entendidos. Irei para um aposento em casa de uma familia... onde não haja creanças, entendes? Não quero lembrar-me do tempo em que fui mãe.

—Ainda o é.

—Mãe! Eu...! todos os meus filhos morreram...

—E eu minha mãe!

Tu... tu és marido. Vai, vai. Tua mulher já deve estar anciosa e murmurando contra mim. Ficaste tanto tempo commigo e era tão simples o que tinhas a dizer-me, até podias dispensar as palavras abrindo a porta e deixando-me no limiar. Mãe... Que é isso para um homem que tem esposa? Os braços maternos amparam, os da mulher acariciam. Vai. Ella está, com certeza, á tua espera para fallar-te do spectaculo. Vai. Amanhã, ou antes, hoje, logo mais—porque a noite já começa a diluir-se em madrugada —partirei para o meu destino. A folha morta deixa a arvore. Que horas serão? quasi duas. Vai e dize a tua mulher que estou prompta, que aceitei a proposta e só espero a luz do sol para despedir-me. Quero que ella me olhe bem á hora da partida, para vêr que não saio resentida, mas sorrindo. Oh! meu filho... meu filho! Eu contava com este momento, esperava-o. Não cabem no mesmo lar dois amores, é preciso que um seja sacrificado. Que seja o mais velho... eu digo apenas: o mais velho, entendes? o mais velho, que é o meu. Vai, vai. Deus te abençoe e a ella também.

—Está chorando, mamã!

—Chorando? Não. Vai. Deus te abençoe.

Acompanha o filho, que se despede com um beijo. Fechando a porta do quarto, caminha alquebrada até junto da commoda, sobre a qual uma lamparina brilha alumando imagens, enclavinha os dedos e, immovel, contempla a Dolorosa, e as lagrimas, a quatro e quatro, correm-lhe dos olhos.

Gallos cantam ao longe.

COELHO NETTO.

A Morte

Dr. Francisco Xavier de Mattos

Succumbiu no dia 20 do mez passado, após longos dias de soffrimentos, o querido e humanitario clinico dr. Francisco Xavier de Mattos.

O extincto que era natural da Bahia, viera para esta capital em 1897 como medico militar da guarnição federal. Mais tarde deixando esse cargo, ficou residindo entre nós, gosando sempre da maior estima por sua alma dedicada, por seu coração bom e humanitario.

Quantas saudades sentirão maistarde os pobres, esses entes sem dinheiro, sem ar, sem luz, sem pão, quando a doença lhes bater á porta e não verem mais o braço humanitario e salvador do Dr. Mattos estendendo-se para elles e dando-lhes o pão e a saúde.

Quantos, quantos já estando sentindo essa saudade cruel e amarga que não se extingue nunca.

O Dr. Mattos morreu tranquillo, sereno por ter cumprido a sua missão, a vontade de Deus.

Os pobres, esses, ficaram para sempre sem o seu amigo.

"Parece que o fim de toda a actividade vital — escreveu Schopenhauer — é um maravilhoso alivio para a força, que a mantem: é o que explica talvez essa expressão de doce serenidade espalhada sobre o rosto da maior parte dos mortos."

E a expressão de doce serenidade nós a vimos espalhada sobre o rosto do Dr. Mattos, provando assim os bens, os infinitos bens que elle fez.

A missa de setimo dia que se realizou no dia 31 do passado, na Cathedral, ás 8 e meia horas, rezada pelo cura Padre Thomás Fontes, além do representante do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, compareceu grande numero de Exmas. Familias, amigos e admiradores do extincto.

Durante a missa a banda musical Amór à Arte tocou varias marchas funebres.

Oasis que muito estimava o Dr. Mattos, e que se fez representar no seu enterro e na missa pelo seu director, apresenta pesames a illustre Familia enlutada e pede a Deus que faça nascer sobre o tumulo do querido morto, uma Saudade que dure eternamente como uma lembrança sua,

D. Orminda Dutra

Succumbiu no dia 30 do mez proximo passado, victima de cruel enfermidade, a exma. sra. d. Orminda de Medeiros Dutra, professora publica e esposa do sr. Jovino Dutra.

A desolada Familia, nossos pesames.

Antonio Campos

Falleceu, no Rio de Janeiro, no dia 31 do mez passado, o sr. Antonio Campos, nosso talentoso collega da *Revista Parlamentar* e genro do nosso brilhante e illustre collega e collaborador Sr. Oscar Rosas, distincto director da *Republica*.

Ao Sr. Oscar Rosas e demais parentes do extincto apresentamos pesames.

Dr. Pereira Sobrinho

Succumbiu na Capital da Republica o Sr. Dr. Jeronymo Baptista Pereira Sobrinho, desenhista—chefe da Repartição Geral dos Telegraphos e cunhado do eminente secretario do Interior e Justica, Sr. Dr. José Boiteux.

Oasis apresenta pesames a Familia do extincto.

Heitor Mello

O telegrapho trouxe-nos a noticia do fallecimento, na Capital da Republica, victima da influencia hespanhola, o Sr. Heitor Mello, cunhado do Sr. Dr. Gil Costa, illustre chefe de policia.

A exma. Familia do extincto e ao Sr. Dr. Gil Costa, apresentamos sentidos pesames.

D. Maria Daux

No mez passado, falleceu, nesta capital, a exma. sra. d. Maria Daux, esposa do Sr. José Daux.

A missa de setimo dia de seu fallecimento compareceu grande numero de exmas. Familias.

Oasis apresenta pesames a Familia enlutada.

Dr. Mauricio de Souza

Dolorosa foi para nós a noticia que recebemos da morte, na Capital da Republica, do Dr. Mauricio de Souza, engenheiro chefe do prolongamento da Estrada de Ferro de Tubarão à Araranguá.

Profissional competentissimo, engenheiro de alto valor, que muito honrou a engenharia brasileira, o Dr. Mauricio de Souza, deixou bem patente em Santa Catharina a prova do seu robusto talento, nas gigantescas e rapidas obras que desenvolveu de Tubarão à Araranguá.

Oasis que foi sempre um grande admirador do Dr. Mauricio de Souza, envia a sua desolada Familia a dolorosa expressão do seu mais profundo pezar.

D. Dorothea Oliveira

Após longos mezes de soffrimentos, falleceu nesta capital, no mez proximo passado, a exma. sra. d. Dorothea Oliveira, viuva do saudoso conterraneo Ludovino Oliveira e progenitora dos nossos conterraneos Octavio, Athanagildo, Epaminondas, Tito e do nosso talentoso collega de imprensa Godofredo Oliveira, e de d. Etelvina Oliveira.

Oasis envia sentidissimas condolencias a Familia da extincta.

Phrases

Nossas recordações transformam-se como tudo mais; o ideal de uma pessoa que outrora conhecemos muda connosco.

Ernesto Renan

Na moral, como na arte, o dizer nada vale, o fazer é tudo.

Ernesto Renan

A consciencia moral do homem do povo é viva e justa, mas instavel e inconsequente. Não sabe resistir a um impulso momentaneo.

E. Renan

Resigne no-nos com o ridiculo, certos de que ninguem escapa de ser considerado ridiculo por alguem.

C. Wagner.

O homem vale na proporção do esforço que a si se impõe. Quem nada faz, nada vale. Um asno que trabalha é uma verdadeira Majestade ao lado do homem ocioso, em que pése aos finos cavalheiros e damas que, ao falarem dos trabalhadores, dizem com desdem: «Essa gente...»

C. Wagner.

Conceber o bem, não basta; é preciso fazê-lo fructificar entre os homens.

E. Renan

O grande homem, por um lado, recebe tudo do seu tempo, por outro, domina o seu tempo.

E. Renan

Tudo favorece os que são assignalados. Esses vão à gloria por uma especie de impulso invencivel e de ordem fatal.

E. Renan

O homem é do seu seculo e da sua raça, ainda quando reage contra a sua raça e o seu seculo.

E. Renan

Cervejaria ATLANTICA S. A.
Curitiba



A Atlantica é a cervejaria mais nova e a mais moderna do Brasil.

É a que tem a maior maltaria e por isso não tem necessidade de empregar materias nocivas a saude.

A cerveja Atlantica é fabricada exclusivamente com cevada puramente nacional.

Recommendamos as marcas "Atlantica", "Curitybana", "Kosmos" e a medicinal "Culmback"

Unico representante e depositario nesta capital.

Julio dos Santos Cribari

Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: **BELÉM DO PARÁ**

Resumo da Posição Actual

Balanco de 1917

Sinistros pagos.....	12.914:795\$570
Reservas technicas.....	9.440:192\$850
Apolices resgatadas pre- turamente.....	3.066:405\$870
Apolices vencidas durante a vida dos associados.....	4.249:300\$970
Apolices sorteadas.....	1.242:750\$000
Pensões e Rendas Vitalicias...	129:340\$000
Reservas especiaes e sobras...	522:422\$387
Total de beneficios.....	31.565:207\$647

Departamento dos Estados do Sul

Avenida Rio Branco, 22—26

Rio de Janeiro

(Predio Proprio)

Para informações com Eduardo Horn, agente e banqueiro nesta cidade, á rua João Pinto n. 10.

Lloyd Brasileiro

Sociedade Anonyma

A mais importante empreza de navegação da America do Sul 66 vapores e 126.000 toneladas

Para transporte de passageiros e cargas

Linhas internacionaes para New-York, Nova Orleans, Buenos Ayres e Montevideo. Linhas de grande e pequena cabotagem—Linhas Fluviaes

Vapores de primeira ordem

Luxuosamente ornamentados offerecendo todo o conforto

Agente Heitor Blum

Praça 15 de Novembro n.º 1 (sobrado)

Caixa Postal n. 61

End. telegraphico-Brazilloyd

FLORIANOPOLIS

A Economia Domestica

Rua Conselheiro Mafra, 44

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS

Oliveira Carvalho & Cia.

Sal, kerozene, Carne Secca, etc, etc.

Caixa Postal 13

Teleg. OLICARVALHO

FLOIANOPOLIS

Santa Catharina

Hotel Macedo



Rua Conselheiro Mafra n. 26

Estabelecimento modernamente reformado, com dois andares deitando para o mar, dispondo de magníficos aposentos e vastos salões com profusa iluminação electrica

José L. de Macedo

Santa Catharina — Florianopolis — Santa Catharina

Banco Nacional do Commercio

ANTIGO BANCO DO COMMERCIO
DE PORTO ALEGRE
FUNDADO EM 1895

Séde: PORTO ALEGRE

Capital 10.000:000\$000

Reserva 5.070:792\$960

Filiaes em Florianopolis, Joinville, Laguna, Blumenau, Itajahy e Lages (Estado de S. Catharina); em Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, Cochoeira, Cruz Alta, Ijuhy, Passo Fundo, Santa Cruz, Rio Pardo, Taquara, Bagé, S. Francisco de Assis, Livramento, S. João de Montenegro, Gramado, Rosario, S. Francisco de Paula de Cima da Serra, Alegrete, São Leopoldo, Eucruzhada e São Sebastião do Cahy

Secção de depositos populares

(Com autorisação do Governo Federal)

N'esta secção o BANCO recebe qualquer quantia, desde 50\$000 até 5:000\$000, pagando juros 5ojo ao anno, capitalizado no fim de cada semestre. Retiradas até 1:000\$000 podem ser feitas sem aviso.

2=Praça 15 de Novembro=2

(EDIFICIO PROPRIO)

Caixa Postal, 122 — End. Teleg. BANMERCIO

Codigos:—Brasileiro Universal, Ribeiro Two-in-one. A. B. C. 5, edd. e Lieber's.

Filial em Florianopolis Estado de Santa Catharina.

André Wendhausen & C.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Florianopolis—Filial em Lages—Sta. Catharina

Secção de fazendas, armarinho, miudezas, etc.
—Secção de ferragens, machinas de toda a especie, instrumentos para lavoura, motores, etc. Secção da estivas, kerozene, gazolina.

Deposito de carvão de pedra Cardiff e Americano

AGENTES MARITIMOS

Trapiche para atracação de vapores e navios com armazens para cargas

Correspondentes de diversos Bancos Nacionaes e Extranjeiros

Correspondentes do Banco de Napoli

Remessa para a Italia

Vendedores de Automoveis "OVERLAND"

Tratam da cobrança de ordenados, contas nas repartições publicas, retiradas da Caixa Economica, juros de apolices e dividendos. Encarregam-se da aquisição de quaesquer materiaes para emprezas industriaes, redes de azua e esgottos, installações electricas, etc.



A
PERNAMBUCANA

Exposição excepcional de fazendas leves para o verão: ultimas

novidades!!!

Bellissimos sortimentos de Etamines estampados e lisos; Voiles japonezes; linhos portuguezes, etc.

Não façam compras sem visitar a Pernambucana, que está baixando os preços.

Rua Conselheiro Mafra, 26 A.